

Fischer, do Citigroup, destaca superação da crise brasileira

Para ele, governo 'está indo muito bem' e a economia está sendo bem administrada

CAMPOS DO JORDÃO — “É sempre um prazer vir ao Brasil. É um prazer maior ainda visitar o País, que de forma bem-sucedida superou a crise (pré-eleitoral do ano passado) e está no caminho do crescimento com inflação baixa.” Assim o presidente do Citigroup International, Stanley Fischer, iniciou sua palestra no 1.º Congresso Internacional de Derivativos e Mercado Financeiro, promovido pela BM&F, em Campos do Jordão.

Fischer não fez maiores comentários sobre o início do governo Lula, mas destacou que a administração “está indo muito bem”. Segundo ele, desde a última década, o Brasil se saiu melhor

das crises e com menor impacto recessivo do que os países asiáticos. Na maior parte desse período, o País registrou taxas positivas de crescimento. Fischer disse que a economia brasileira tem sido bem administrada, principalmente nas políticas fiscal e monetária. Lembrou que o governo brasileiro tem mostrado vontade e capacidade de usar reservas e uma política ativa de administração da dívida, de forma a influen-

ciar a taxa de câmbio. “Muitos países tentam fazer isso, mas não são bem-sucedidos. No Brasil, as informações importantes sobre os fundos de capitais ajudaram o governo a administrar a taxa de câmbio.”

Outro fator que explica os menores custos das crises em termos de atividade econômica, para Fischer, é ligeiramente paradoxal: o mercado financeiro brasileiro é sofisticado mas, ao mesmo tempo, é pequeno em relação ao PIB. Assim, quando algo atinge o sistema financeiro, o impacto é menor do que na Ásia.

Para o presidente do Citigroup, o apoio da comunidade internacional, manifestado no apoio do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial, foi importante. Mas, explicou, isso não ocorreu apenas porque a economia brasileira é grande e tem importância, mas porque o País to-

PARA
EXECUTIVO, FMI
TEM APOIADO
O BRASIL

mou a responsabilidade de lidar com a crise, assumindo e cumprindo metas fiscais rigorosas. De 1999 até hoje, o País sempre cumpriu com folga as metas trimestrais acertadas com o FMI. Ele, que foi vice-diretor gerente do FMI durante boa parte da década de 90, preferiu não opinar sobre as necessidades de o País renovar ou não o acordo com o Fundo. (S.L. com colaboração de Andréa Lago e Márcia Pinheiro)